

## **Meninas de rua e gravidez: um ideal de valorização social**

Claudia Rabello de Castro

claudiarcastro@hotmail.com - doutoranda UERJ

### **Resumo**

Este trabalho pretendeu buscar a representação social da gravidez de meninas de rua. Supõe-se que longe de ser um problema de desconhecimento dos métodos contraceptivos, a gravidez é desejada pelas meninas de rua. Utilizando o referencial teórico da teoria das representações sociais, de Serge Moscovici, e da Nova Retórica, de Chaïm Perelman, foram analisadas as representações sociais sobre a gravidez de meninas de rua através da análise das suas estratégias discursivas. Pressupõe-se que através dessas estratégias é possível conhecer as formas de organização cognitiva desse grupo e que as representações sociais da gravidez têm conseqüências fundamentais nas práticas cotidianas dessas adolescentes. Foi realizada uma pesquisa de campo utilizando entrevistas semi-estruturadas, discussões feitas em grupo e uma oficina sobre sexualidade. Participaram meninos e meninas de rua, educadores e a autora. Foram coletadas as falas de três grupos de meninas: não-grávidas, grávidas e mães. Esta divisão objetivou comparar os mecanismos de enfrentamento associados a estas diferentes condições de vida. Os resultados mostram que a gravidez é considerada natural e inevitável e que não se pode controlar pela vontade nem com métodos preventivos. A gravidez não é desejada pelas meninas não-grávidas e não é tampouco planejada pelas meninas grávidas e mães. Ela constitui-se, no entanto, como um projeto de vida futuro idealizado que realizaria os desejos de segurança, de valorização social e de independência. A gravidez funciona como elemento de identificação social, promovendo uma ruptura importante que exige mudanças drásticas de comportamento. Algumas ações educativas foram sugeridas a partir dos resultados. Palavras-chave: Meninas de rua. Gravidez. Representações sociais. Retórica.

### **Streetgirls and pregnancy: a social valorization ideal**

#### **Abstract**

This study aimed to knowing the social representations of pregnancy of the street girls. Using the Social Representation Theory and the New Rhetoric Theory, It was researched how the pregnancy representation is related with the social identity of the street girl and if it works like a central element in their lives. The author believed that through the analysis of the discursive strategies can be possible to understand the cognitive organization of this group about pregnancy and to verify if the social

representation of pregnancy has consequences for the everyday practices of these adolescents. In this study we used free interviews, group discussions and a workshop about sexuality with participation of street girls, educators and the author. Data was the discourse of three groups - non-pregnant girls, pregnant girls and girls who were mothers. The girls who are not pregnant represent the pregnancy like a bad thing that can happen to them. Girls who are mothers and pregnant girls justified their conditions and the early age of pregnancy through a better capacity of street girls than middle class girls to protect their children. The results showed that the pregnancy makes strong changes in the girl's lives and is seen as a natural fact. They not believe that prevention methods can stop their destiny to become pregnant. At the same time, they think the pregnancy provides them a way to have dignity and respect from the society. It was suggested to education agents some actions from the results.

Key-words: Street girls. Pregnancy. Social representations. Rhetoric.

## **Introdução**

A problemática específica da gravidez precoce já se reflete em ações desenvolvidas por organismos como a UNICEF e a Organização Mundial da Saúde (1989), que priorizaram nas últimas décadas a saúde da mulher adolescente. A gravidez precoce tornou-se um dos maiores problemas considerados por organismos de ação social dirigidos à infância e a adolescência também no Brasil, em função do aumento da taxa de fertilidade nesse segmento, em contrapartida à diminuição da taxa de fertilidade geral (*ibid.*). Percebe-se que a gravidez representa algo diferente para meninas de rua em relação às de classe média, que na maioria das vezes vivencia a gravidez como uma transgressão, um problema a ser resolvido envolvendo culpa e vergonha. A menina de rua parece representar a gravidez não como um problema, mas como um destino irrevogável que envolve, de certo modo, sua realização pessoal.

Os educadores sociais, que lidam no dia-a-dia com meninas de rua, falam da impossibilidade de enfrentar esse "problema" no seu cotidiano de trabalho. Muitos acham que elas não querem "realmente" ter filhos, mas usam esse fato para conseguir privilégios de algum tipo. Outros dizem que elas não se preocupam com o que possa vir a acontecer com seus filhos. Outros reconhecem que não compreendem o porquê delas engravidarem. Por mais que os educadores se esforcem para conscientizá-las dos riscos e das condições precárias em que elas se encontram, elas engravidam e demonstram desejar isso.

A menina de rua não se enquadra no modelo legitimado de comportamento esperado para adolescentes, que supõe virgindade, recato e inocência. As ações dirigidas às

adolescentes de rua, em sua grande maioria, têm a intenção de mudar seu comportamento, para enquadrá-lo em um modelo de sexualidade feminina, ainda valorizado socialmente, onde o recato, a compostura e a passividade constituem o ideal de mulher que a menina de rua não atende. A maioria dos estudos indica que a menina que está na rua utiliza estratégias de sobrevivência tais como mendicância, prostituição, furto, tráfico de drogas e várias formas de vigarice (COSTA, 1991; LAGOA, 1992; YANNOULAS, 1993). Supõe-se que essas estratégias são utilizadas, mas pouco se fala dos aspectos positivos que as meninas desenvolvem para enfrentar um cotidiano tão adverso. Esses estudos ajudam a formar uma concepção estigmatizante da menina de rua e vão dar subsídios para as ações, seja no âmbito governamental, seja das próprias ONGs. A pesquisa que foi realizada neste estudo mostra um outro lado da questão da gravidez precoce em meninas de rua. Esclarece, pelo menos parte, distorções apresentadas em textos comprometidos com a noção de que a menina é leviana, promíscua e incapaz intelectual e socialmente.

Nos seis anos de experiência da autora como educadora e coordenadora de oficinas para meninos e meninas de rua, observou-se que na relação amorosa entre meninos e meninas de rua a gravidez está sempre presente no diálogo dos namorados. No cotidiano das instituições que atendem meninas, é comum muitas declararem estar grávidas, mesmo não estando. Se existe uma relação mais constante com algum rapaz ou mesmo adulto, a possibilidade de ter um filho parece aquecer a relação dos dois. É como uma prova de amor. Parece que possuir um filho lhes dá uma segurança substitutiva do lar perdido. Interessante notar que, para os meninos, isso funciona de modo semelhante no que diz respeito à relação amorosa. Sua garota estar grávida acena a necessidade de ter que dar conta de algo que, para ele, está relacionado com o lar, a casa, ajeitar-se na vida (subir na vida), enfim, o sonho que almeja de ser respeitado, de ter dignidade, de ser alguém. Ele e ela passam a não ser mais qualquer um, transformando-se em pessoas que precisam lutar por algo: a sobrevivência da família.

Não é possível que alguém pense que morar na rua é algo desejado por essas meninas e meninos. Nos relatos desses jovens, muitas vezes a vida na rua é melhor do que em seus lares. Nota-se que quando as meninas de rua engravidam elas procuram sair da rua, ou seja, arranjar um barraco para viver com seu parceiro e formar uma família.

A gravidez é um fenômeno que, construído historicamente, pode ter significados diversos dependendo da cultura onde está inscrita e, no caso das meninas de rua, pode, e realmente é essa a idéia defendida aqui, significar algo completamente diferente dos padrões legitimados pela sociedade culta em função de sua cultura específica de rua.

As meninas de rua fazem parte de um grupo marginalizado, que se sobressai especificamente pelo fato de questionar a sociedade em seu princípio mais básico, a família, representada pelo lar. Estas meninas, segundo relato de educadores sociais, preferem as ruas à vida no lar. Homens estarem na rua não é um fato que choca, mas a presença de mulheres perambulando pelas ruas está associada a práticas de prostituição, de vigarice, etc.

Historicamente, as mulheres das classes dominantes não saiam à rua até pouco tempo atrás. Já os escravos livres tinham como lugar privilegiado de trabalho e lazer a rua (ESTEVEES, 1989). Segundo Santos (1991), a cultura negra teve uma penetração bastante significativa na sociedade brasileira, com sua música, suas crenças, sua comida, seu jeito colorido de trajar-se, etc. Ele considera mesmo que as classes menos favorecidas encarnam totalmente a tradição de luta pela sobrevivência oriunda dos negros escravos. Os escravos não tinham permissão de possuir nada, nem mesmo seu próprio corpo. Quando uma escrava engravidava não parava de trabalhar no campo e seu filho era separado dela logo que nascia. Elas eram inclusive utilizadas nesse momento para amamentar os filhos das senhorinhas. A possibilidade de constituir-se uma família nos moldes da classe dominante para esses sujeitos era improvável.

Desse modo, não parece adequado pensar que essas pessoas têm a mesma visão de família das classes favorecidas. Ter filhos parece ter um sentido culturalmente diverso nos vários segmentos sociais. A menina de rua descende das classes populares e traz para a rua suas tradições que, mescladas com esse contexto, conferem certa especificidade. O cotidiano da rua certamente deve influir na construção de representações específicas de objetos tais como família, maternidade, gravidez, etc.

Este estudo investigou a representação da gravidez em meninas de rua. Os resultados indicam que a gravidez pode estar associada ao desenvolvimento da identidade feminina da menina, no sentido de proteger o ego, através de uma auto-estima positiva. A gravidez também aparece para a menina como possibilidade de construção de um "lar perdido", entendido aqui como local de moradia e de realização de um desejo de ascensão social dela e do seu companheiro, segundo um modelo positivo ideal de família diferente daquele vivenciado anteriormente. A gravidez pode funcionar como elemento de integração da identidade da menina com o papel social básico de mãe, atribuído à condição de mulher, que é valorizado em nossa sociedade.

### **Fundamentação teórica**

A pesquisa fundamentou-se na Teoria das Representações de Serge Moscovici e na

Teoria da Argumentação ou Nova Retórica de Chaïm Perelman.

Serge Moscovici inspirou-se em Èmile Durkheim para a concepção da Teoria das Representações Sociais. Ele queria, no entanto, especificar um tipo de pensamento que as representações coletivas de Durkheim não contemplavam. A Teoria das Representações Sociais considera que existem representações específicas a conjuntos sociais complexos, como os que existem em nossas sociedades contemporâneas. Essas representações não seriam uma simples soma dos pensamentos dos indivíduos de uma sociedade, nem o que Durkheim chamou de representações individuais, pois para Moscovici não existe pensamento que possa ser considerado exclusivamente individual. Todos os pensamentos seriam construídos segundo uma perspectiva sociocognitiva, na relação dialética entre o indivíduo, os grupos e a sociedade. Refere-se a representações sociais como fenômenos que se situam na interface psicológica e social, sendo o sujeito determinado socialmente, mas dialeticamente um agente de transformação da sociedade.

Segundo a perspectiva moscoviciano, a distinção entre sujeito e objeto que evidencia uma realidade objetiva é substituída por uma concepção diferente de realidade, onde não existe uma realidade anterior ao sujeito. A realidade é representada com a participação ativa do sujeito, ela é apropriada pelo indivíduo nas trocas sociais nos grupos, é "*reconstruída dentro do sistema cognitivo do sujeito de acordo com o seu sistema de valores, que se desenvolve ao longo da sua história nos contextos sociais e ideológicos que o rodeiam*" (ABRIC, 1994, p. 12). Qualquer representação, nessa perspectiva, é sempre derivada das relações entre os indivíduos e os objetos, a partir do contexto histórico-cultural em que se encontram.

A teoria de Moscovici visa apreender e explicar um tipo de pensamento que está circunscrito no que ele chama de universos consensuais, em contrapartida aos universos reificados. Estes últimos estão referidos a uma lógica formal, onde são produzidas as ciências e o pensamento erudito em geral. Aos universos consensuais correspondem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais (SÁ, 1995). Esse tipo de pensamento segue uma outra lógica, que ele chama "lógica natural", onde são desenvolvidas as teorias do senso comum. Estas teorias utilizam-se de outros mecanismos de verificação e estão mais referidas a sentimentos de verossimilhança ou plausibilidade (*ibid.*).

Chaïm Perelman também concorda que a lógica que rege o pensamento do senso comum é de outra natureza e que não pertence necessariamente ao campo da irracionalidade, da desrazão. Sendo outro tipo de racionalidade, fundamenta-se num modelo diferente do da lógica formal, utilizando outros recursos de verificação (PESSANHA, 1989). Esse outro tipo de racionalidade, que se produz na relação dialógica, utilizaria recursos persuasivos, ou seja, ela se constitui nas trocas entre os

atores sociais, onde se opera uma lógica essencialmente argumentativa (*ibid.*).

As representações sociais constituem-se, então, para o homem moderno uma das vias de apreensão do mundo concreto, elas "*determinam o campo de comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas*" (MOSCOVICI, 1978, p. 51).

A linguagem seria o instrumento por excelência através do qual a representação coletiva se transformaria dando certa especificidade ao pensamento dos grupos, através de uma atividade de construção simbólica, como expresso no trecho a seguir:

Aliás, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco, ele deixa muita liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo. A linguagem aproveita-se disso para circunscrevê-lo, para arrastá-lo no fluxo de suas associações, para impregná-lo de suas metáforas e projetá-lo em seu verdadeiro espaço, que é simbólico. (MOSCOVICI, 1978, p. 26)

A visão de um pensamento constituído dialeticamente entre o individual e o social em Moscovici dá grande ênfase ao papel da linguagem, no sentido dele se constituir através da comunicação de regras compartilhadas por conjuntos sociais específicos, regras estas estabelecidas na linguagem cotidiana. Segundo Castro (1997), a relação do indivíduo com o mundo e com os outros indivíduos é organizada com base em interesses e prioridades que são acordados na linguagem cotidiana. Esses interesses e prioridades estão em constante mudança, já que a linguagem está em constante transformação na *práxis* do indivíduo, mesmo que lentamente. Assim, existem possibilidades ilimitadas de se "dizer" o mundo. Cada grupo, ou mesmo cada indivíduo, tem sua própria linguagem, e nas sociedades complexas, apesar das diferenças constitutivas das diversas linguagens, as trocas entre os grupos e os indivíduos asseguram a inteligibilidade entre as linguagens (CASTRO, 1997). Assim, o indivíduo percebe o mundo com a linguagem. Não existe uma percepção pura das coisas, pois não se poderia perceber sem a linguagem.

Moscovici (1978) afirma que as representações sociais são construções do pensamento moderno. Ele propôs a teoria das representações sociais visando estudar o "pensamento social", enfatizando a natureza social do pensamento e a importância do pensamento na vida social. A abordagem retórica não discute questões relativas ao pensamento. O que ela pontua é que o que se chama de pensamento social tem uma característica particular; tal pensamento é essencialmente retórico. Vista num sentido positivo, no que diz respeito à lógica, a retórica preocupa-se com as dimensões argumentativas desse pensamento.

Segundo Billig (1993), as novas abordagens da retórica sugerem que as habilidades argumentativas são fundamentais para a compreensão do pensamento expresso pelos

grupos sociais, porque quando as pessoas pensam estão explícita ou implicitamente argumentando com outros mais ou menos diferentes ou idênticos a si, ou consigo mesmas.

A Teoria da Argumentação, ou Nova Retórica de Perelman, fornece-nos o instrumental adequado à tarefa da investigação de representações sociais, a partir do momento em que propõe uma análise do discurso do cotidiano. Para Perelman, "*a finalidade da argumentação não é, como a da demonstração, provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, mas transferir a adesão concedida às premissas*" (PERELMAN, 1993, p. 41). Para isso, o orador tem que adaptar seu discurso ao seu auditório, utilizando-se de premissas que supõe o auditório acredite. Trata-se da ligação entre as premissas que se acredita aceitas pelo auditório e as conclusões do orador, que não se ligam formalmente às premissas. É um ato de persuasão, de convencimento, diferente do método utilizado pela lógica formal, que estabelece uma relação de necessidade entre as premissas e a conclusão.

A argumentação funciona no contato entre sujeitos, sujeitos estes com crenças diversas desenvolvidas ao longo de suas vidas. A argumentação existe onde há controvérsias sobre determinado assunto e os argumentos sempre serão a favor ou contra determinada tese. Ela ocorre quando se pretende exercer uma ação sobre um auditório, auditório considerado aqui como o conjunto de pessoas a quem o orador quer influenciar. Quando argumentamos, esperamos que o auditório possa compreender o que falamos e adaptamos a forma do nosso discurso ao que nós pensamos que essas pessoas possam acreditar a fim de ganharmos sua adesão. A comunicação, nesse sentido, é fundamental para se pretender influenciar um auditório. Se o orador não se faz compreender, dificilmente poderá ter a adesão desejada. Mas por mais que o orador conheça as expectativas, crenças e valores de seu auditório, esse conhecimento nunca é totalmente fidedigno. Trata-se de uma aproximação que varia conforme a distância entre o concebido pelo orador e o que efetivamente é aceito pelo auditório. Esta distância dificulta a persuasão quando se trata da comunicação entre grupos semióticos diferentes.

No caso das meninas de rua, os agentes que trabalham com elas geralmente pertencem a um grupo semiótico distinto e seus argumentos contra o fato das meninas engravidarem sem uma estrutura familiar, ou seja, sem um marido, uma casa e um emprego fixo, parece não serem aceitos por elas, pois grande parte delas engravida nessas condições.

A possibilidade que essa teoria oferece é a de verificar quais argumentos são utilizados pelas meninas em defesa de suas idéias sobre a gravidez. Esses argumentos denunciam as crenças, valores e expectativas das meninas relacionadas ao seu desejo de engravidar, idéias que são compartilhadas no grupo que convivem, que constituem suas representações sociais acerca da gravidez.

## **Metodologia**

As falas das meninas de rua foram coletadas em discussões onde ocorreram confrontos de idéias. São falas, portanto, que procuram persuadir, modificar ou instaurar opiniões acerca de um tema polêmico, no caso, a gravidez. Dessa forma, caracterizam-se como basicamente argumentativas. O empreendimento deste trabalho consistiu em extrair, das falas das meninas de rua, as ligações que utilizam entre premissas que elas supõem aceitas pelos seus interlocutores e as conclusões derivadas dessas ligações, que, no caso, remetem às teses construídas por elas acerca da gravidez.

Perelman (1992) elaborou uma tipologia de argumentos fundamentada em textos jurídicos e literários. A tipologia de argumentos estabelece três tipos de argumentos básicos: os quase-lógicos, os que são fundados no real e os que fundam o real. Esta classificação se remete ao tipo de ligação que o orador estabelece entre as premissas e a tese que defende. Nos argumentos quase-lógicos o orador tenta estabelecer uma relação de necessidade entre as premissas utilizadas, de forma a aparentar um procedimento formal de análise. O orador considera sua tese uma conclusão obrigatória das premissas que evoca, apesar de não o ser formalmente. Os argumentos fundados no real se remetem a relações de sucessão ou causalidade entre eventos. As teses aparecem como causas ou conseqüências naturais dos acontecimentos citados. Os argumentos que fundam o real tentam modificar uma concepção aceita através do uso de exemplos, analogias ou modelos (PERELMAN, 1992). Este estudo adaptou essa tipologia ao discurso do cotidiano das meninas de rua.

Os argumentos são construídos a partir de premissas que se fundamentam em acordos de grupo. Esses acordos podem estar referidos ao real, baseando-se em premissas consideradas verdades, fatos ou presunções; ou podem estar referidos ao que é preferível, estando baseados em valores, hierarquias de valores ou lugares do preferível.

Os fatos e verdades definem-se por acordo, os quais se acredita toda a humanidade compartilha.

(...) este estatuto de fato ou verdade não se encontra indefinidamente assegurado, a menos que se admita a existência de uma autoridade infalível, de uma divindade, cujas afirmações e revelações são incontestáveis, a qual garantiria os fatos e as verdades. Mas, à falta de uma tal garantia absoluta, de uma evidência, de uma necessidade que se imporia a todo ser de razão, os fatos e as verdades, que são admitidas como tais pela opinião comum e pela opinião dos especialistas, poderão ser postos em questão. (PERELMAN, 1993, p. 43)



Um fato ou uma verdade quando evocados numa argumentação geralmente não precisam de justificação, porque um fato ou verdade pretende ser inquestionável e, quando o locutor justifica um fato ou verdade, estes perdem seu estatuto privilegiado.

As presunções, assim como os fatos e as verdades, estabelecem-se a partir de acordos universais, porém são mais vulneráveis e geralmente são acompanhados de justificações para ganhar força. Para Perelman (1993), "*as presunções encontram-se, habitualmente, associadas ao que normalmente se produz e sobre o qual é razoável basearmo-nos*" (p: 44). Ela está ligada ao que se considera normal ou verossímil: as convenções sociais.

Os objetos de acordos utilizados nas argumentações dirigidas ao auditório especializado são aqueles que, segundo Castro (1997), "*costuma-se atribuir ao domínio das opiniões*" (p: 65). Podem ter estatuto de fato ou verdade em determinada comunidade e em outra ser apenas um valor.

Um valor pode ser refutado a qualquer momento e precisa ser acompanhado de outros valores que o justifiquem, para reforçar a adesão. Ele está sempre referenciado a uma escala positivo-negativo, e marca nos sujeitos

...uma atitude favorável ou desfavorável do que apreciam ou depreciam, sem compararem com outro objeto: o que se qualificará pelos termos bom, justo, verdadeiro ou real é valorizado; o que é qualificado mau, injusto, feio, falso ou aparente é desvalorizado. (PERELMAN, 1993: 46)

As hierarquias fundamentam-se nos valores e geralmente estes vêm implícitos na argumentação. A intensidade de adesão a um valor comparado a outro determina uma hierarquia. A hierarquia de valores é mais importante sob o ponto de vista da estrutura da argumentação do que os próprios valores em si, já que a maior parte deles é comum a um grande número de auditórios. O que caracteriza cada auditório é muito mais a maneira como os valores são hierarquizados do que os valores mesmos que eles admitem (PERELMAN, 1992).

Os lugares do preferível são premissas de ordem geral que permitem fundamentar valores e hierarquias e "*a grande generalidade dessas premissas é a característica maior dos lugares*" (CASTRO, 1997, p. 66). Aristóteles diferenciava lugares comuns e lugares específicos, sendo os primeiros passíveis de servir a qualquer ciência e os segundos a ciências específicas. No entanto, é difícil conceber um discurso comum a todas as ciências, todo discurso comporta certa especificidade, talvez por isso Perelman utilize a designação de lugares do preferível (*ibid.*). Os lugares do preferível são afirmações que valorizam as coisas em função de sua quantidade, qualidade, ordem, existência, essência ou pessoa. Castro (1997) nos dá

exemplos de alguns tipos desses lugares:

o mais durável é melhor do que o menos durável, o mais fácil é melhor do que o difícil, o todo vale mais do que a parte, o raro é melhor do que o comum, o anterior é melhor do que o posterior, os princípios são melhores do que as causas, os fins são melhores do que os meios, as causas são melhores do que os efeitos, o atual é melhor do que o eventual, as virtudes do espírito são melhores do que as do corpo físico e a lista poderia prolongar-se indefinidamente". (CASTRO, 1997, p. 67)

Os lugares fundamentam valores e hierarquias e o que é significativo na força dos lugares é que por sua generalidade eles, quando utilizados na argumentação, facilitam a adesão por parte de um auditório muito diversificado.

Os acordos dizem respeito às ligações entre premissas, podendo ser definido mesmo por essas ligações, ou seja, o significado do acordo muitas vezes se instaura a partir do modo como as premissas são ligadas. Nesse sentido são fundamentais na análise dos argumentos.

Os elementos que constituem a representação das meninas acerca da gravidez foram classificados em centrais e condicionais. Os elementos centrais da representação foram considerados como os que organizam o pensamento das meninas acerca da gravidez e fornecem um rol de comportamentos adequados que devem ser adotados pelas meninas quando se encontram na condição de não-grávidas, grávidas ou mães. Eles geralmente são evocados para fundamentar as idéias e condutas acerca da gravidez e funcionam eficazmente, pois têm muita força persuasiva no grupo. Os elementos condicionais foram considerados como aqueles que, em função das condições de vida específicas em que vivem as meninas, servem como justificativas para as atitudes adotadas que são variantes dos padrões legitimados pelo grupo identificado pelos elementos centrais.

Os elementos da representação social das meninas pesquisadas foram identificados a partir do tipo de acordo compartilhado por cada grupo, sendo os centrais remetidos aos objetos de acordos que portam sobre o real e os condicionais aos objetos de acordos que portam sobre o preferível. Os objetos de acordos que portam sobre o real têm grande força persuasiva, pois são evocados visando um auditório universal. Isso quer dizer que quem os evoca acredita que eles são compartilhados por toda a humanidade, ou pelo menos pela maioria das pessoas. Nesse sentido, pretendem ter validade inquestionável. Por isso, foram identificados como elementos centrais. Os objetos de acordos baseados no preferível são expressos como regras, normas e convenções sociais. São evocados para exprimirem o que é desejável em determinadas condições, para cada um dos grupos estudados.

## **Sujeitos**

Foram pesquisadas meninas de rua na faixa etária entre 11 e 18 anos, que freqüentavam uma instituição específica para o seu atendimento, o programa Se Essa Rua Fosse Minha, situado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Esta instituição atendia por volta de 50 crianças e adolescentes de rua de diversas procedências, dos quais mais ou menos 20 deles eram meninas que passam a maior parte do tempo nas ruas, dormindo e se alimentando aqui e ali. Elas mantinham um vínculo forte com a rua, apesar de terem referência familiar ou institucional. Durante a pesquisa foram encontradas meninas que nunca tinham engravidado, meninas que estavam grávidas e meninas que já tinham tido filhos. Foram separados, então, três grupos de meninas para análise: meninas não-grávidas, meninas grávidas e mães.

### **Coleta de dados**

As falas das meninas foram coletadas em três situações: em entrevistas individuais semi-estruturadas, em discussões em grupo e em uma oficina de informação e discussão sobre o tema sexualidade, realizada para atender os objetivos da pesquisa. Foram realizadas 12 entrevistas individuais, três com meninas mães, três com meninas grávidas e o restante com meninas não-grávidas. Duas discussões em grupo realizaram-se informalmente, no pátio da instituição. Na primeira participaram três meninas: uma não-grávida, uma grávida e outra mãe. Na segunda participaram cinco meninas não-grávidas e uma grávida. A oficina contou com a participação de uma menina grávida, uma mãe e cinco meninas não-grávidas, fora os meninos e os educadores presentes.

As entrevistas foram realizadas antes do início da oficina, a fim de que se pudesse avaliar a história das meninas e para extrair de suas falas os temas que seriam discutidos na oficina. As discussões em grupo foram realizadas com o intuito de discutir com as meninas os tópicos relativos à gravidez, que não puderam ser discutidos na oficina. As entrevistas, a oficina e as discussões em grupo foram gravadas em fita cassete e transcritas pela autora.

### **Análise**

A análise procurou as falas que pudessem demonstrar os mecanismos de enfrentamento que a menina desenvolve, em função de sua condição de estar ou não grávida ou com filhos.

A análise proposta nesse estudo é essencialmente qualitativa. O material de análise está centrado na fala da menina. O objetivo de qualquer análise de discurso é tentar interpretar não só as falas explícitas, mas as intenções gerais do orador, que muitas

vezes está implícita em sua fala. Os procedimentos de análise utilizaram, dessa forma, a construção desses implícitos, baseados nas definições de Ducrot (1972); para a construção dos argumentos e o estabelecimento dos objetos de acordos, a classificação de Perelman (1992). A análise então seguiu os seguintes passos:

- reconhecimento dos explícitos relevantes para os temas escolhidos presentes nos diálogos;
- identificação dos *implícitos* e construção dos enunciados a partir deles;
- identificação das teses das meninas como sendo de adesão, estabelecendo premissas que são objetos de acordos;
- classificação dos objetos de acordos;
- estabelecimento de relações entre os aspectos da tipologia dos acordos classificados, o contexto e o tema dentro da qual eles são significativos;
- identificação das estratégias argumentativas;
- construção dos argumentos para cada tema;
- classificação dos argumentos construídos
- estabelecimento de relações entre os aspectos da tipologia dos argumentos classificados, o contexto e o tema dentro do qual eles são significativos;
- volta ao texto para a verificação das hipóteses levantadas sobre as estratégias utilizadas.

## **Resultados**

As falas das meninas distribuíram-se por seis temas principais, cada um dos quais comportando diferentes teses. Foram os seguintes os temas analisados: 1 - Como e quando ocorre a gravidez; 2 - As conseqüências da gravidez; 3 - Gravidez e saúde; 4 - Gravidez e trabalho; 5 - Proteção e ganhos que se obtém com a gravidez e 6 - O projeto de um lar idealizado. Estes temas foram construídos a partir da sua relevância para o estabelecimento de uma visão geral da representação da gravidez nos três grupos pesquisados.

A partir da análise dos argumentos apresentados pelas meninas, foi feito um quadro demonstrativo dos acordos baseados no real e no preferível, que são considerados aqui como principais elementos que constroem a representação da gravidez nos três grupos pesquisados. Giram em torno da naturalidade da gravidez; da sacralização da mãe e do filho, do aborto como tabu; da impossibilidade de abandonar um filho e a impossibilidade de se evitar a gravidez. Os elementos centrais são compartilhados por todas e são mesmo as estruturas básicas da representação. A forma como estão imbricados estes elementos dão especificidade à representação da gravidez do grupo estudado. A representação da infidelidade natural aos homens apareceu também como elemento central, mas pode-se dizer que não é específica de meninas de rua.

Os acordos condicionais se relacionam mais às condições em que se encontra a menina dependendo do grupo que está inserida, podendo denunciar o tipo de trajetória que a menina desenvolve, ao longo de sua vida, tendo como referência as expectativas relacionadas à gravidez.

ACORDOS DO REAL E DO PREFERÍVEL DE MENINAS NÃO-GRÁVIDAS,  
GRÁVIDAS E MÃES

	NÃO-GRÁVIDAS	GRÁVIDAS	MÃES
ACORDOS	A gravidez acontece, é um fato natural.	A gravidez acontece, é um fato natural.	A gravidez acontece, é um fato natural.
BASEADOS	Mãe é sagrada.	Mãe é sagrada.	Mãe é sagrada.
NO	Filho é sagrado.	Filho é sagrado.	Filho é sagrado.
REAL	Aborto é tabu.	Aborto é tabu.	Aborto é tabu .
	A criança não pediu para nascer.	A criança não pediu para nascer.	A criança não pediu para nascer.
	O homem é infiel por natureza.	O homem é infiel por natureza.	O homem é infiel por natureza.
	Gravidez não se evita.	Gravidez acontece.	Gravidez é destino.

ACORDOS	Mãe não abandona filho. Filho atrasa a vida . A menina não tem cabeça para ter filho. O homem deve ser fiel e sustentar a menina e o filho. Grávida tem que correr atrás . Grávida trabalha porque tem que se virar para prover o filho.	Mãe não abandona filho. Filho não prende . A menina tem que ter cabeça para ter filho. O homem não é fiel, mas tem que dar coisas para o neném. Grávida trabalha para ter coisas . Grávida trabalha para ajudar o homem e para ter mais coisas. A menina se vira e consegue o que quer.	Mãe não abandona filho. Filho dá trabalho. A menina amadurece e vira mulher. O certo é ocasião, a mulher grávida deve trabalhar. O trabalho dignifica a mulher. Grávida trabalha para dar o melhor ao filho e ter independência. A menina está mais preparada para os filhos. Uma mãe não abandona o filho. Eu vou criar meu filho como eu puder.
BASEADOS	A menina não tem condições de ter filho. É preferível dar o filho do que tirar.	É preferível a humilhação do que dar ou tirar.	
NO	O filho vai sofrer por causa das condições.  A menina é leviana.	Eu não vou deixar meu filho sofrer.  A menina é livre.	A mulher é guerreira.
PREFERÍVEL			

A naturalização da gravidez é o elemento mais central, que define mesmo o objeto gravidez, na medida em que é representado como um fato natural, incontrolável e inevitável, e a maternidade é considerada o destino de todas. Desse modo, a gravidez é um objeto privilegiado nas representações das meninas. Ele está presente nos diálogos entre as meninas e torna-se um elemento direcionador das expectativas de futuro da menina.

Nenhuma das meninas grávidas e mães planejaram a gravidez. As meninas não-grávidas não desejam engravidar no momento, mas não se consideram capazes de controlar a gravidez. A prevenção não é considerada capaz de impedir a gravidez, logo a utilização da camisinha não é considerada pelas meninas por este objetivo. Algumas afirmam que os meninos não gostam de usar camisinha, fato que dificulta o uso, pois elas não parecem ter força suficiente para se opor ao menino. A preocupação com o uso da camisinha, no entanto, é referida como proteção contra doenças, sendo desejado que o menino a use quando "pula a cerca"; quando tem relações sexuais com outras.

Um filho é considerado um bem para qualquer mulher. A mulher deve estar bem preparada para a vinda do neném. Ter no mínimo uma casa, um trabalho e se possível um parceiro, que não precisa ser, necessariamente, o pai da criança. As meninas não-grávidas desejam filhos quando estiverem mais amadurecidas e com condições para criá-lo. Consideram que a vinda de um filho pressupõe alguns sacrifícios para o qual não estão preparadas: como a perda da liberdade, porque têm que sair da rua; o atraso da vida relacionado ao abandono dos estudos para ter que trabalhar; a humilhação que têm que passar porque têm que "correr atrás" do prejuízo e implorar ajuda.

O aborto é tabu para todas. Pode ser pensado como possibilidade, desde que secretamente. As não-grávidas criticam duramente as meninas que abortam. As grávidas e mães as criticam também, confessam que chegaram a pensar no aborto, mas acham que pensaram mal. O abandono do filho é considerado um crime que deve ser punido duramente. A mulher não deve abandonar o filho em nenhuma circunstância. Se ela não tem condições, deve "se virar" para poder ficar junto com o filho. O amor do filho é muito importante para a menina.

O trabalho é considerado uma necessidade. A menina tem que trabalhar – o trabalho feminino é valorizado e está associado à gravidez de forma inexorável, para ajudar o parceiro ou para ter mais coisas ou para ser independente.

A menina espera atenção e carinho do parceiro; o sustento pode ser conseguido através do trabalho dos dois. A fidelidade do parceiro é associada ao amor que este lhe dedica. A menina grávida tem que cuidar da sua saúde por causa do filho, mas o parceiro é responsabilizado quando a menina não se cuida. Pressupõe-se que o parceiro deve ficar junto da menina, ajudá-la e obrigá-la a agir corretamente, mesmo que não more com ela.

Apesar de representarem as condições gerais de suas vidas como inadequadas à concepção (pouca idade, não ter casa e estrutura financeira), as grávidas e mães valorizam os sacrifícios feitos em função do filho. A mulher que se sacrifica pelo filho é valorizada. A valorização parece ser buscada por todas, não é surpresa que isso ocorra em um grupo discriminado pela sociedade. A rebeldia cede lugar à necessidade de valorização. A baixa auto-estima, em função da desvalorização social, encontra uma via para elevar-se através da identificação com a imagem valorizada da menina grávida, da mãe que se sacrifica, mesmo que abandonada pelo parceiro.

A grávida merece privilégios, mas desde que saiba comportar-se. A gravidez facilita as coisas para a menina, mas a menina tem que mudar o seu comportamento para adequar-se à figura sacralizada de mãe.

A gravidez sinaliza a possibilidade de montar um lar ideal. O projeto futuro pressupõe a segurança de uma casa, o afeto do parceiro, e a independência através

do trabalho.

Se a gravidez é representada como destino inevitável, os métodos preventivos não são capazes de impedi-la efetivamente. As meninas de rua não utilizam métodos preventivos de forma sistemática. Além disso, ela necessita ainda negociar com o parceiro essa prática, pois eles praticamente se recusam a fazer uso de qualquer método preventivo. Se o aborto é representado como um tabu, ele só pode ser realizado clandestinamente, como realmente acontece no caso das meninas, quando cometem uma variedade de absurdos com seu corpo a fim de interromper sua gravidez.

Se um filho é considerado o bem maior que uma mulher pode possuir, ela conquista através da gravidez a possibilidade de negociar a atenção, o afeto e a fidelidade do parceiro, além de poder se adequar a uma identidade social legitimamente valorizada. Dessa forma, os sacrifícios feitos em função do filho são minimizados. A menina tem a motivação necessária para realizá-los.

O não-abandono é a motivação básica para a realização do projeto de vida futura, que inclui a segurança de uma casa, a independência conseguida pelo trabalho, o afeto do parceiro. A gravidez exige também um cuidado com o corpo, no sentido da saúde. Essas meninas têm dificuldades de manter uma higiene adequada, não só pelo fato de estarem nas ruas, mas também pela sua baixa auto-estima. A gravidez provoca a necessidade de atenção com o próprio corpo, para deixá-lo digno de receber o filho. Essa atenção reforça o sentimento de amor e carinho por si mesma e conseqüentemente sua auto-estima se eleva. Esse processo, no entanto, é lento, desenvolve-se ao longo do período de gestação.

Esses elementos se inter-relacionam para construir uma identidade valorizada de uma mulher merecedora de privilégios, provedora do bem e guerreira na luta pelo filho.

A partir das considerações desenvolvidas acima foi elaborado um quadro demonstrativo da estrutura das representações sociais da gravidez. Esse quadro considera que os elementos da representação se inter-relacionam de forma a cumprir a função de orientação do comportamento das meninas, pelo menos na motivação de suas condutas; e também a função importantíssima de construção da identidade social da menina de rua. É uma interpretação plausível de como funcionaria o pensamento prático dessas meninas.

### **Estrutura da representação da gravidez em meninas de rua Elementos Centrais**





A gravidez é um fato natural- não é planejada, acontece porque é o destino.  
 O aborto é tabu – pode-se pensar mas não falar.  
 Filho é um bem – mãe tem que ser respeitada.  
 O homem é infiel por natureza– o amor é definido pela fidelidade masculina.

### Elementos Condicionais

Mãe não abandona filho

Conseguir Trabalho (Independência)	Conseguir Casa (Segurança)	Ter um Parceiro fiel (Afeto)	Ter Saúde e Beleza (Auto-estima)
---------------------------------------	-------------------------------	---------------------------------	-------------------------------------

### Elementos Identitários

Grávida / Facilidades Merecedora de privilégios para o filho nascer saudável	Filho / Bem Provedora do bem maior que é um filho	Mão solteira / Heroína Guerreira na luta por uma vida boa para o filho
--	---	--

Valorização da menina de rua através da gravidez  
 Gravidez = Mudança de *status* = Identidade Social Positiva

A partir do esquema acima se pode ter uma visão da organização do pensamento prático das meninas pesquisadas acerca da gravidez, de como a gravidez se insere na vida delas e as conseqüências disso na orientação de seus comportamentos.

Alguns pontos devem ser discutidos a partir dessas representações. As idéias que afirmam a leviandade, desleixo, irresponsabilidade, imaturidade e promiscuidade das meninas são aqui questionadas.

Primeiro, a gravidez é um acontecimento importante na vida dessas meninas. Não se pode dizer que elas são displicentes com a gravidez e com o filho, pelo menos não por desejo, talvez por circunstâncias. Todas parecem querer assumir o sacrifício e a responsabilidade que um filho pressupõe. Assim, a idéia de que a gravidez é causada por leviandade, etc., não parece plausível. O que parece ocorrer é que elas consideram a prevenção e o aborto atos que vão de encontro à ordem natural das coisas, de modo que não são considerados comportamentos adequados.

A família para os meninos e meninas de rua é concebida por eles, segundo Leite

(1998), diferentemente dos meninos e meninas de classe média. Parece que o núcleo familiar não se estabelece a partir dos parentes, mas do grupo que convive na rua. No entanto, quando o casal espera um filho eles procuram a referência familiar de um ou de outro, pela impossibilidade de ter um lar separado. A rua não se adequa ao projeto futuro do lar ideal.

Os meninos parecem influenciar a menina no tocante a ficar grávida e a não usar preservativos. A prevenção é admitida para relacionamentos esporádicos e não para a relação de amor entre eles. A confiança mútua no relacionamento amoroso é perseguida. O uso da camisinha é um entrave nessa questão, ele significa desconfiança do parceiro tanto na possibilidade de contrair doenças, inclusive a Aids, como na possibilidade de ter um filho. Ter um filho parece um acontecimento maravilhoso para ambos, se eles se amarem mesmo. A desconfiança gira em torno do parceiro assumir ou não o filho, sustentando-o, conseguindo-lhe uma casa e etc. Parece um futuro melhor do que aquele que estaria reservado para ela e a criança nas ruas.

A valorização é perseguida por elas. Sua identidade de menina de rua é negativa, a possibilidade de ser mãe está associada à recompensa de possuir um lar, de ser respeitada, de ter uma identidade valorizada e de ter orientação na sua ação. A orientação, e a conseqüente justificação dos comportamentos adotados, é dada através de comportamentos padronizados de mãe, o que facilita a inserção não só no grupo como na sociedade em geral. Estes ganhos são muito sedutores, quem os recusaria?

Acontece que o filho não soluciona os problemas da menina. Não lhes garante o trabalho, a casa ou mesmo o parceiro fiel que tanto desejam. A maior parte não consegue essas coisas. Assim, além de arcar com as dificuldades inerentes às classes pobres, a menina acaba tendo mais um motivo de auto-desvalorização: não conseguir cumprir com seu papel de mãe.

### **Considerações finais**

As meninas de rua querem a mesma coisa que todos: respeito, dignidade e possibilidade de sobrevivência. A idéia de que elas são debochadas, provocativas, indisciplinadas, etc., e que não têm capacidades mínimas para criar filhos, são idéias superficiais sobre a sua conduta. Na verdade, podemos considerar esses comportamentos como ações, mas também reações à tentativa de invasão de sua liberdade individual, pelo desrespeito com que são tratadas a todo o momento, não só na rua, mas também nas instituições que menosprezam seus saberes e atitudes diante da vida. A gravidez e o filho modificam seu comportamento na medida em que estrutura uma nova identidade, identidade essa que pretende ter um espaço

dentro do mundo, este sim, perverso, em que vivem.

As questões relacionadas com a saúde reprodutiva de meninas de rua estão longe de estarem equacionadas. O desconhecimento do processo que leva essas meninas a terem filhos precocemente é responsável por ações pouco eficazes na prevenção da gravidez precoce. Fornecer informação e camisinha não vai resolver o problema. Outras questões devem ser consideradas para uma atuação efetiva. A primeira é o reconhecimento da importância da gravidez para essas meninas como um recurso para a construção de uma identidade social valorizada. Para o menino não é diferente. O parceiro influencia muito a menina no tocante a engravidar. Eles parecem afirmar sua masculinidade a partir desse acontecimento. Além disso, um filho também pode lhes dar uma identidade positiva.

A possibilidade de estruturarem uma identidade socialmente positiva parece o maior ganho desses jovens. Tanto a população de rua como a sociedade em geral os menosprezam e não valorizam nenhuma de suas atitudes e comportamentos. Jovens adolescentes de rua são considerados incapazes de decisões acertadas em suas vidas. Mesmo jovens das classes média e alta sofrem o estigma de não terem conhecimento suficiente sobre a vida a fim de decidirem-na a contento.

As questões de gênero refletem-se nas relações machistas que são reproduzidas nesse grupo, fazendo com que as meninas não tenham nenhuma possibilidade de negociar a utilização de métodos preventivos, no caso a camisinha, porque é o método a que elas têm acesso. No final, o problema recai sobre a menina pois é nela que estão depositadas as expectativas da criação dos filhos. As responsabilidades exigidas dessas meninas são muito maiores do que as que têm condições de assumir. Isso faz com que sejam taxadas de levianas e inseqüentes.

A conseqüência de uma gravidez precoce tanto para meninas como para meninos não é o que poderíamos considerar a solução dos problemas de ambos. Por um lado, ganham uma nova identidade valorizada, por outro, ganham novos problemas também. Mas eles só percebem isso — quando percebem —, depois que passam pela experiência dolorosa de verem seus filhos doentes, jogados na rua, sem roupas e alimentação adequadas.

A solução é óbvia, mas ao mesmo tempo difícil. Esses adolescentes precisariam ter os direitos, que estão previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente, assegurados. Educação, saúde, alimentação, moradia e lazer são condições mínimas para se resolver os problemas da auto-estima desses jovens. Ao mesmo tempo, só isso não resolveria o problema específico da gravidez precoce. Para jovens de classe média esse problema também existe. A sociedade em que vivemos valoriza o ser humano pelo poder que detém em função de bens materiais.

A expectativa de uma vida futura segura em termos de sobrevivência, hoje é muito baixa ou inexistente para todos os jovens. Recursos como ter um filho pode acenar

para esses jovens a possibilidade de serem alguém de valor por possuírem o que paradoxalmente é valorizado socialmente, uma criança. Outra solução encontrada por eles é o mergulho nas drogas e na violência, como resistência à domesticação, e simultaneamente se dá a auto-desvalorização.

A ação dos educadores que lidam com esses jovens deveria fundamentar-se no conhecimento profundo dos processos de construção da identidade desses adolescentes que, por estarem com seu futuro ameaçado pelo descaso das autoridades, defendem-se como podem, no sentido de tentar garantir um mínimo de dignidade. As instituições deveriam proporcionar aos meninos e meninas o respeito e a valorização de sua cultura.

Muitas instituições já fazem isso, ou seja, pretendem através de vários tipos e atividades, inclusive oficinas de sexualidade, equacionar alguns problemas enfrentados por esses jovens, entre eles o da gravidez precoce. Mas é preciso ainda a disponibilidade de considerar a questão não só do ponto de vista da saúde, mas também como um problema social ou mesmo moral. A gravidez e um filho podem ser vividos como uma defesa contra o menosprezo social e as baixas expectativas de realização enfrentadas pelos jovens de todos os níveis sociais.

Neste estudo as meninas não-grávidas não desejam filhos; as grávidas e mães não planejaram seus filhos. Todas sonham em ter filhos, mas quando estiverem mais velhas e com uma estrutura de vida adequada (casa, trabalho, marido). Sonho este que não seria incompatível com a prevenção da gravidez precoce. A questão que se coloca é: que tipo de intervenção é possível para que as meninas consigam realizar esse sonho? Como a ação educativa pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das meninas grávidas e mães?

Estas questões só podem ser respondidas na medida que a ação educativa se direcionar para o reconhecimento dos jovens como seres humanos. No reconhecimento de que esta ação não deve ter como único objetivo o adestramento e a informação, mas a reflexão sobre as possibilidades de valorização dos jovens, seja nas suas realizações, seja no reconhecimento deles como sujeito de direitos.

Uma reflexão conjunta entre educadores, meninos e meninas, realizada a partir de oficinas de sexualidade, poderia permitir aos meninos e meninas debaterem as questões que envolvem a gravidez precoce. Reconhecendo o que é valorizado por esses jovens a argumentação dos educadores ganha força, o discurso educativo partiria de premissas que os meninos e meninas aceitam. A barreira cultural entre educador e educando torna-se frágil, possibilitando mudanças nas expectativas desses jovens, que se refletiriam em suas condutas.

Este trabalho fornece alguns indicadores para auxiliar pesquisas posteriores sobre as representações sociais sobre a gravidez por parte de meninas de rua. A busca das representações dos meninos sobre a paternidade torna-se, portanto, tarefa

fundamental para o aprofundamento do conhecimento sobre as estratégias de meninas e meninos de rua em relação à gravidez e à paternidade. Conhecer também os mecanismos que os meninos utilizam em seu cotidiano relacionados à gravidez e à paternidade certamente contribui para ajudar os agentes educativos na prevenção da gravidez precoce.

Uma pesquisa buscando a representação dos meninos de rua sobre a paternidade foi realizada com o apoio da Fundação Ford (CASTRO, 2001b) e seus resultados apontam na mesma direção. Tanto meninas como meninos consideram a possibilidade de terem filhos como uma oportunidade de elevarem sua condição social. Nesse sentido, a ação social direcionada a esse segmento social deve levar em conta a necessidade desses meninos e meninas de reconhecimento social.

### Referências Bibliográficas

- ABRIC, J-C. Les représentations sociales: aspects théoriques In: ABRIC, J-C (ed.) *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Press Universitaire de France, 1994.
- BILLIG, M. Studying the thinking society: social representations, rhetoric, and attitudes. In: BREAKWELL, Glynis M. e CANTER, David V. (orgs.) *Empirical approaches to social representations*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- CASTRO, C. R. Assumir ou sumir: um estudo das representações sociais da paternidade na retórica dos meninos de rua. In: XXXI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, Rio de Janeiro, setembro de 2001. *Anais ...* Editado pela Sociedade Brasileira de Psicologia - SBP, 2001.
- CASTRO, C. R. Articulação da retórica e da memória social com a teoria das representações sociais. In: *Revista Polêmica*, número 3 (out/nov/dez) - 2001a Revista Eletrônica Polêmica, ISSN 1676-0727. Editada pelo LABORE/UERJ. Site: [www.uerj.br/~labore/polêmica.htm](http://www.uerj.br/~labore/polêmica.htm)
- CASTRO, C. R. Assumir ou sumir: um estudo das representações sociais da paternidade na retórica dos meninos de rua. In: XXXI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, Rio de Janeiro, setembro de 2001. *Anais ....* Editado pela Sociedade Brasileira de Psicologia - SBP, 2001b.
- CASTRO, M. R. *Retóricas da rua: educador, criança e diálogos*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula/Amais Livraria e Editora, 1997.
- COSTA, A. C. G. Meninas da vida. In: *Por uma pedagogia da presença*. Brasília: CBIA, 1991.
- ESTEVES, M. A. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LAGOA, A. *Meninas Prostituídas*. Nova Escola, n. 62, 1992. p.18-22, nov.-dez/1992.
- LEITE, L. C. *A razão dos invencíveis*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPUB, 1998.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar,

1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde Reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para ação* - Uma declaração conjunta OMS/FNUAP/UNICEF. Genebra: Impresso com recursos do Acordo de Cooperação Técnica Brasil/PNUD-Projeto BRA/90-032 - Desenvolvimento Institucional do Ministério da Saúde - Projeto Nordeste - Acordo de Empréstimo BIRD nº 3.135-BR., 1989

PERELMAN, Ch. *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*. Bruxelles: Ed. De Université de Bruxelles, 1992.

\_\_\_\_\_. *O império retórico*. Portugal: Ed. Asa, 1993.

\_\_\_\_\_. Argumentação. In: *Enciclopédia Einaledi*, vol.II, Imprensa Nacional. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

PESSANHA, J. A. A teoria da argumentação ou Nova Retórica. In: CARVALHO, M. C. M. (dir.) *Paradigmas da atualidade*. Campinas: Papirus, 1989.

RUFFINO DOS SANTOS, J. *Possibilidade de uma visão negro-brasileira da crise da escola*. Palestra proferida no curso para educadores de rua promovido pelo ECAN- (Encontro das Casas de Acolhida Noturnas). Rio de Janeiro: 1991.(mimeo).

SÁ, C. P. *Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central*. Tese de prof. titular do Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro, 1995.

YANNOULAS, *A menina sai à rua*. Revista CEAP, 3, 1993, p. 7-11.

Apresentado ao Conselho Editorial em 25 de outubro de 2004